

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA**

**FRANCISCA VITURINO DE SOUSA**

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO DO HÁBITO  
LEITOR**

**COREMAS - PB**

**2017**

**FRANCISCA VITURINO DE SOUSA**

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O DESENVOLVIMENTO DO HÁBITO  
LEITOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador (a): Prof. Clenice Paulino da Silva Batista

**COREMAS - PB**

**2017**

S725i Sousa, Francisca Viturino de

A importância da leitura para o desenvolvimento do hábito leitor /  
Francisca Viturino de Sousa. – João Pessoa: UFPB, 2017.

44f. : il.

Orientadora: Clenice Paulino da Silva Batista  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia –  
modalidade à distância) – UFPB/CE

1. Educação Infantil. 2. Leitura. 3. Aprendizagem. 4. Dificuldades  
de aprendizagem. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.2:028(043.2)

**FRANCISCA VITURINO DE SOUSA**

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO DO  
HÁBITO LEITOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena  
em Pedagogia na Modalidade à Distância, do  
Centro de Educação da Universidade Federal  
da Paraíba, como requisito institucional para  
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2017

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Clenice Paulino Da Silva Batista

Prof. Orientador

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Mariano Castro Neto

Prof. Convidado

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof.<sup>a</sup> Veridiana Xavier Dantas

Prof. Convidado

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Aos meus filhos, que sempre acreditaram no meu sucesso, me apoiando para que eu pudesse concretizar mais uma etapa da minha vida. Dedico!

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por todas as oportunidades que tenho em minha vida, por me dar coragem para que supere todos os obstáculos que encontro pelo caminho e por ter conseguido vencer mais esta etapa em minha vida.

Aos meus pais, que desde o dia em que nasci sempre me apoiaram e acreditaram na minha capacidade.

Aos meus irmãos, pelo companheirismo, vivência, aprendizado e união.

A minha orientadora Prof. Clenice Paulino da Silva Batista pelo o compromisso e profissionalismo nesta difícil, porém prazerosa missão de abrir caminhos às gerações que se sucedem.

As minhas amigas e companheiras de trabalho, que me estenderam as mãos e me compreenderam nos momentos mais difíceis de elaboração do trabalho.

*Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer.*  
*(LIONEL BELLENGER)*

## RESUMO

A leitura e a escrita estão incluídas neste conjunto de competências. Caso contrário, é preciso reconhecer que o ensino de todos os outros assuntos pode contribuir para um melhor desempenho na leitura e na escrita, pois toda a relação verbal entre professores e alunos ocorre na língua materna. Assim, os professores de todos os outros assuntos devem reconhecer esse papel e agir de acordo com ele para o benefício de seus alunos. Nesse sentido, que desenvolveu essa pesquisa com análise bibliográfica qualitativa com a finalidade de refletir sobre os processos de aquisição e aprendizagem da leitura no contexto escolar da fase de educação infantil. Apesar do grande número de teorias, opiniões, modelos e propostas atuais, não há consenso sobre qual é a metodologia mais adequada para o ensino da leitura para crianças pequenas. Este trabalho irá ajudar aos educadores a compreender a importância das vertentes do desenvolvimento de habilidades em ensinar as crianças a ter interesse pela leitura e fornecer orientação sobre as questões educacionais e curriculares que devem ser abordadas para integrar com sucesso os princípios da leitura juntamente com as habilidades de fundação necessárias e ensinar com sucesso a todas as crianças a ler. Constitui-se em três seções, primeiro Capítulo faz uma abordagem sobre Histórico e contextualização da alfabetização no Brasil, Papel do professor e as políticas públicas para a infância e o desenvolvimento da leitura e a Leitura tecnológica; segundo capítulo trata A importância da leitura significativa na prática cotidiana: Um caminho à percepção do meio externo, O professor e o desenvolvimento da leitura e a Leitura interdisciplinar; terceiro capítulo traz a reflexão da pesquisa bibliográfica sobre o contexto da alfabetização na escola, Alfabetização um meio para a realização da aprendizagem no pensamento e a análise de três autores que contribuíram para o ensino da leitura. Sempre problematizando e vendo a visão dos principais pesquisadores na área da leitura. Conclui-se com as considerações finais e referências bibliográfica.

**Palavras chaves:** Leitura. Aprendizado. Dificuldades e Educação.

## ABSTRACT

Reading and writing are included in this set of competencies. Otherwise, it must be recognized that the teaching of all other subjects can contribute to a better performance in reading and writing, since the entire verbal relationship between teachers and students occurs in the mother tongue. Thus, teachers of all other subjects should recognize this role and act accordingly for the benefit of their students. In this sense, who developed this research with qualitative bibliographic analysis with the purpose of reflecting on the acquisition and learning processes of reading in the school context of the children's education phase. Despite the large number of current theories, views, models and proposals, there is no consensus on which methodology is most appropriate for reading instruction for young children. This work will help educators understand the importance of skills development strands in teaching children to take an interest in reading and provide guidance on the educational and curricular issues that must be addressed to successfully integrate the principles of reading along with the skills necessary foundation and teach all children to read. It consists of four sections, the first chapter addresses the history and contextualization of literacy in Brazil, the teacher's role and public policies for children and the development of reading and technology reading; second chapter discusses The importance of meaningful reading in everyday practice: A path to the perception of the external environment, The teacher and the development of reading and interdisciplinary reading; third chapter brings the reflection of the bibliographical research on the context of literacy in school, Literacy a means for the realization of learning in thought and the analysis of three authors who contributed to the teaching of reading. Always problematizing and seeing the vision of the main researchers in the field of reading. It concludes with the final considerations and bibliographical references.

**Keywords:** Reading. Learning. Difficulties and Education

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Analfabetismo brasileiro por regiões.....	17
<b>Gráfico 2:</b> Nível de instrução da população brasileira. ....	18
<b>Gráfico 3:</b> Analfabetismo por faixa etária no Brasil. ....	19

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>11</b>
2.1 TIPO DE PESQUISA.....	13
2.2 COLETA DE DADOS DA PESQUISA.....	14
<b>3 HISTÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL.....</b>	<b>15</b>
3.1 O PAPEL DO PROFESSOR E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A INFÂNCIA E O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA .....	19
3.2 LEITURA TECNOLÓGICA .....	21
<b>4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA SIGNIFICATIVA NA PRÁTICA COTIDIANA: UM CAMINHO À PERCEPÇÃO DO MEIO EXTERNO .....</b>	<b>24</b>
4.1 O PROFESSOR E O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA .....	27
4.2 LEITURA INTERDISCIPLINAR .....	29
<b>5 CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA.....</b>	<b>32</b>
5.1 ALFABETIZAÇÃO UM MEIO PARA A REALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO PENSAMENTO.....	34
5.2 A ESCOLA COMO MICROSOCIEDADE DE LEITORES E ESCRITORES.....	36
5.3 ANÁLISE DE TRÊS AUTORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA O ENSINO DA LEITURA.....	39
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura é uma prática muito importante nos dias de hoje. Ela sempre teve e tem um papel social de grande interferência no meio social. É importante salientar que a mesma contribui para o nosso desenvolvimento intelectual, moral, pois o indivíduo que tem o hábito da leitura tem melhores oportunidades na vida estudantil e profissional.

Nenhuma pessoa nasce leitor, mas a partir dos 10 meses de idade a criança já tem certo entendimento da leitura e deve ser estimulada nesse sentido, com livros de pano, madeira e plástico, além de gravuras atrativas. Muitos especialistas concordam que a escola tem o papel fundamental para garantir que as crianças desenvolvam desde muito cedo o gosto pela leitura. É lá que elas começam a descobrir o mundo das letras. Uma pessoa tem muito mais probabilidade de ler quando adulta, se na infância foi estimulada pela escola e pela família a ter contato com os livros.

O processo que está relacionado aprendizagem da leitura é um produto cultural, baseado sem dúvida em capacidades naturais, mas pressionado por aquilo que as famílias e as instituições educacionais oferecem à crianças”. Assim, ensinar a ler e escrever por meio de histórias infantis faria com que essa tarefa ficasse muito mais prazerosa e simples, e, ao mesmo tempo, estaríamos formando, além de crianças alfabetizadas, leitores assíduos, críticos, bons escritores e profissionais criativos.

O desafio dos educadores é descobrir, entre os muitos métodos utilizados atualmente, qual deles é o que melhor se adapta à realidade social dos alunos e quais os estimularão de forma efetiva. Sendo assim despertou o interesse em desenvolver uma pesquisa com reflexão bibliográfica e qualitativa, onde ambiente escolar deve ser pensado e preparado para proporcionar interações com a língua oral e escrita. A leitura não deve ser imposta como uma obrigação, e sim, um hábito de prazer e descontração.

Defendemos a ideia que para inserir as crianças no mundo literário é preciso possibilitar o contato com dois materiais: aquele que é para ser lido (livros, revistas, entre outros) e, aquele que é para ser rabiscado (caderno de desenho, chão, folha sulfite e lousa). Primeiramente as crianças escutam histórias lidas pelos adultos, depois conhecem o livro como um objeto tátil que ela toca, vê, e tenta compreender as imagens que enxerga.

A literatura contribui para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo. As histórias contadas ajudam as crianças a imaginarem os cenários e buscar soluções para os conflitos dos personagens. A literatura infantil é fundamental para a aquisição de conhecimentos, da recreação, da informação e da interação necessários para o ato de ler. A metodologia utilizada para confeccionar esse trabalho foi confeccionado a partir de artigos e livros, sendo assim uma monografia de revisão. Entretanto, sempre colocando críticas e comentários sobre as citações. Dentro deste contexto, esse trabalho tem por objetivo verificar os níveis de alfabetização no Brasil, o papel desempenhado pelo educador e as estratégias que facilitam a inserção da leitura na vida da criança a partir da educação infantil, bem como se dá a formação do leitor a partir de então.

Para efeito de melhor sistematização esta monografia apresenta-se estruturada em três seções: Primeiro Capítulo faz uma abordagem sobre Histórico e contextualização da alfabetização no Brasil, Papel do professor e as políticas públicas para a infância e o desenvolvimento da leitura e a Leitura tecnológica; segundo capítulo trata A importância da leitura significativa na prática cotidiana: Um caminho à percepção do meio externo, O professor e o desenvolvimento da leitura e a Leitura interdisciplinar; terceiro capítulo traz a reflexão da pesquisa bibliográfica sobre o contexto da alfabetização na escola, Alfabetização um meio para a realização da aprendizagem no pensamento e a análise de três autores que contribuíram para o ensino da leitura. Sempre problematizando e vendo a visão dos principais pesquisadores na área da leitura. Conclui-se com as considerações finais e referências bibliográfica

Espera-se assim que este estudo contribua para a discussão/reflexão a cerca da prática da leitura no contexto escolar.

## **2 METODOLOGIA**

A importância da organização dos procedimentos metodológicos, conforme Ferreira (2005), “É possibilitar que o pesquisador tenha acesso aos dados necessários para responder à sua pergunta de pesquisa”. Para esse autor, as disposições metodológicas devem ser consequências dos objetivos da investigação, das características e especificidades dos diferentes fatores envolvidos no processo de pesquisa.

Para realizar o presente estudo, optamos por uma pesquisa bibliográfica, por considerar imprescindível relacionar os pensamentos de natureza teórica de maneira que este sirva de embasamento, de interpretação de preceitos, de significado dos dados, buscando ligação entre os pensamentos de natureza pessoal com os fundamentos teóricos dos autores. Conforme evidencia Fonseca (2002, p. 32) “A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”. Pois consiste ao pesquisador conhecer e examinar documentos publicados com o intuito de colher informações sobre o problema.

Por meio da conciliação entre as duas abordagens, é possível ampliar ainda mais o conhecimento acerca de questões e temáticas que, muitas vezes pelas limitações de estudo na literatura, não são comuns ou estudadas com maior profundidade durante graduação e pós-graduação (CRESWELL, 2010).

A pesquisa teórica diz respeito à comprovação de teoria, além de presumíveis revisões de legitimidade e abrangência.

Não obstante existam extensões de conhecimento em que a pesquisa teórica seja método autossuficiente e influente em áreas que alvitram ser, excepcionalmente, é comum deparar a pesquisa teórica sendo concretizada em complementaridade à empírica, que sustenta através da exposição de estudos de casos concretos que comprovem o alcance e eficácia da teoria, mesmo que a análise teórica seja exibida independentemente de acontecimentos de aplicação prática, eis que se propõe tal aproveitamento para as finalidades comprobatórias (MARCONI; LAKATOS, 2003).

A compreensão metodológica foi feita, especificamente, de maneira peculiar, buscando melhor entendimento sobre o assunto em referência, angariando a maior quantidade possível de conhecimentos que comportem reflexões de fontes diversas de informações, assim como a coleta de dados específicos sobre o tema em apreço (GIL, 2002).

De posse dos instrumentos coletados, fez-se levantamento dos principais autores que trabalham o tema, o qual servirão de fundamentos teóricos como Paulo Freire, Magda Soares, Ezequiel Teodoro da Silva, Maria Helena Martins, Ângela Kleiman e Izabel Solé.

Essa estratégia de escolha dos autores constitui uma forma criteriosa e importante, pois delimita mecanismos para direcionar as ideias, a relevância das obras e gerenciar melhor o tempo.

Com a organização das fontes teóricas, construiu sistematicamente, o trabalho por meio de resenhas, fichamentos, comentários, resumos articulando aos comentários pessoais para o desenvolvimento da pesquisa.

## 2.1 TIPO DE PESQUISA

O presente trabalho foi desenvolvido epistemologicamente através de análises em livros, internet, revistas, entre outros meios que busquem o melhor desempenho na pesquisa de cunho qualitativo, eis que se busca compreender e interpretar as expectativas sobre o tema “programas sociais e auxílios fiscais com escopo auxiliar o ex-detento breve visão sobre o estado de minas gerais,”.

De acordo com Creswell (2010), dada as particularidades da pesquisa, deve-se classificar como exploratória e de revisão de literatura (ou pesquisa bibliográfica).

A pesquisa bibliográfica é, como se vê, a fase da revisão de literatura, assim como é uma fase inicial para diversos tipos de pesquisa. O ciclo começa com determinação e delimitação do tema e segue com o levantamento e a pesquisa bibliográfica. A partir desta é que se organiza a revisão que, segundo descrito anteriormente requer postura crítica, cotejo das diversas opiniões expressadas (GIL, 2002, p.56).

Exploratória porque o ponto de partida foram suposições inspiradas em revisão preliminar da literatura disponível sobre os assuntos separadamente, quando o objeto do estudo se delineou, balizando a pesquisa de análise dos resultados. Isto posto, a visão exploratória ajuda a identificar a relação entre as expectativas e o estilo de implantação.

Segundo Creswell (2010), "a principal vantagem da revisão bibliográfica, ou de literatura, reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que se poderia pesquisar diretamente".

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a finalidade do estudo exploratório é de permitir avaliar com maior nível de detalhamento um assunto ou uma temática, de forma a torná-la esclarecedora e estabelecer as questões importantes para a direção da pesquisa.

Por meio da conciliação entre as duas abordagens, é possível ampliar ainda mais o conhecimento acerca de questões e temáticas que, muitas vezes pelas limitações de estudo na literatura, não são comuns ou estudadas com maior profundidade durante graduação e pós-graduação (CRESWELL, 2010).

A pesquisa teórica diz respeito à comprovação de teoria, além de presumíveis revisões de legitimidade e abrangência.

Não obstante existam extensões de conhecimento em que a pesquisa teórica seja método autossuficiente e influente em áreas que alvitram ser, excepcionalmente, é comum deparar a pesquisa teórica sendo concretizada em complementaridade à empírica, que sustenta através da exposição de estudos de casos concretos que comprovem o alcance e eficácia da teoria, mesmo que a análise teórica seja exibida independentemente de acontecimentos de aplicação prática, eis que se propõe tal aproveitamento para as finalidades comprobatórias (MARCONI; LAKATOS, 2003).

A compreensão metodológica foi feita, especificamente, de maneira peculiar, buscando melhor entendimento sobre o assunto em referência, angariando a maior quantidade possível de conhecimentos que comportem reflexões de fontes diversas de informações, assim como a coleta de dados específicos sobre o tema em apreço (GIL, 2002).

## 2.2 COLETA DE DADOS DA PESQUISA

A coleta de documentos apresentou-se como importante fase da pesquisa, exigindo cuidados e procedimentos técnicos acerca da aproximação com o tema em

estudo, com o intuito de esclarecer os objetivos gerais e específicos e a importância de desenvolver os capítulos necessários para o esclarecimento do problema em foco.

De posse dos instrumentos coletados, fez-se levantamento dos principais autores que trabalham o tema, os quais servirão de fundamentos teóricos como Paulo Freire, Magda Soares, Ezequiel Teodoro da Silva, Maria Helena Martins, Ângela Kleiman e Izabel Solé.

Essa estratégia de escolha dos autores constitui uma forma criteriosa e importante, pois delimita mecanismos para direcionar as ideias, a relevância das obras e gerenciar melhor o tempo.

Com a organização das fontes teóricas, construiu sistematicamente, o trabalho por meio de resenhas, fichamentos, comentários, resumos articulando aos comentários pessoais para o desenvolvimento da pesquisa.

Quanto a esse tipo de documentação indireta, Marconi e Lakatos (2008, p. 57) fazem a seguinte afirmação:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas ou gravadas.

Fazendo-se assim a pesquisa bibliográfica de suma importância para essa pesquisa, visto que todo esse trabalho foi escrito a partir de textos, arquivos, livros e pesquisas publicadas.

### **3 HISTÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL**

Aplicado de dois em dois anos, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), criado pelo MEC, tem como principal objetivo avaliar uma parte dos alunos de escolas públicas e particulares, matriculados de 5º ao 9º anos do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio. Os resultados do SAEB para o ano de

2015 -último estudo divulgado-, apontam que 59% das crianças finalizaram o quarto ano do ensino fundamental sem ter adquirido um grau de alfabetização razoavelmente adequado. Podemos concluir, a partir disso, que um dos maiores problemas em relação à leitura, é que muitas crianças não estão sendo bem alfabetizadas.

Aprender língua portuguesa não é somente ler e escrever, é também dominar as habilidades que nos capacitem a viver em sociedade, saber interagir verbalmente, isto é, precisamos ser capazes de compreender e participar de um diálogo ou de uma conversa, de produzir textos escritos dos diversos gêneros que circulam socialmente (AZEVEDO, 2001).

Para Azevedo (2001, p. 34), o problema da alfabetização no Brasil está bem longe de acabar.

Considerando nosso desequilíbrio social, formar leitores evidentemente é um imenso desafio. A maioria de nossas crianças é filha de pais analfabetos ou semianalfabetos, ou seja, voltando para casa elas não têm com quem discutir suas lições. E nem mesmo espaço, uma vez que suas casas, muitas vezes um único cômodo, não costumam possibilitar o isolamento mínimo que a leitura requer. Por outro lado, boa parte de nossas crianças, refiro-me àquelas que têm chance de ir à escola, não têm dinheiro para comprar livros e só têm acesso a livros e textos didáticos e informativos fornecidos gratuitamente pelas escolas públicas. Na minha visão, textos didáticos são essenciais para a formação das pessoas, mas não formam leitores. É preciso que concomitantemente haja acesso à leitura de ficção, ao discurso poético, à leitura prazerosa e emotiva, para que isso aconteça.

Outro ponto: se cerca de 15% da população brasileira são analfabetos, um outro contingente, imagino algo em torno dos 40% da população, ou é alfabetizado precariamente porque, por exemplo, precisou abandonar os estudos para trabalhar, ou, mesmo tendo estudado, não conseguiu, por alguma razão, adquirir o hábito da leitura.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a alfabetização tem impacto nas mais amplas esferas da sociedade. É essencial para erradicar a pobreza, reduzir a mortalidade infantil, alcançar igualdade de gênero e garantir desenvolvimento sustentável, paz e democracia.

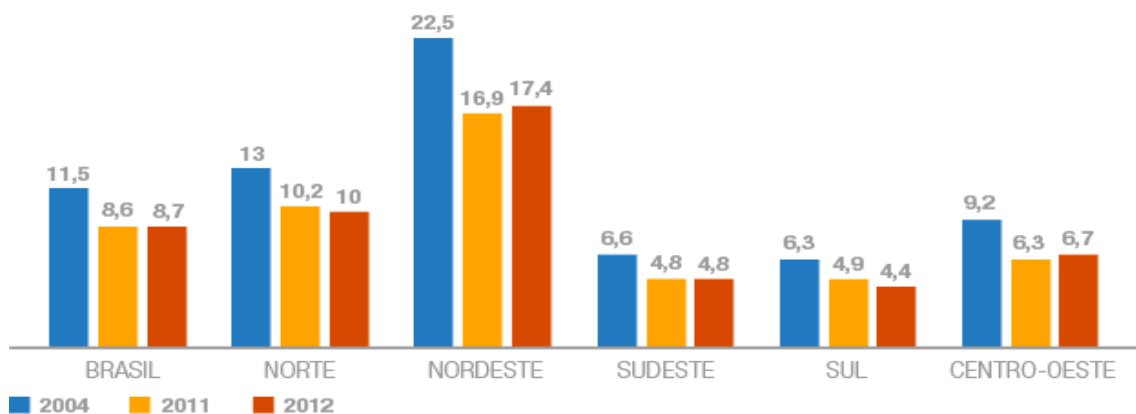
De acordo com o relatório Educação Para Todos (levantado entre 2005 e 2011) na América Latina, dos 36 milhões de adultos analfabetos, 14 milhões são do Brasil, país que abriga 34,2% da população latino-americana. O relatório é publicado

anualmente e sintetiza indicadores da educação em mais de 160 países, tais indicadores são baseados nas metas estabelecidas no ano 2000, no Fórum Mundial de Educação, realizado em Dacar: velar pelas necessidades de aprendizagem de todos os jovens e adultos; gratuito e de qualidade; estender e melhorar a proteção e educação integral da primeira infância; acesso de todas as crianças ao ensino primário, aumentar o número de adultos alfabetizados; suprimir as disparidades de gênero no ensino primário e secundário e por fim, melhorar todos os aspectos qualitativos da educação.

Uma pesquisa realizada pela UNESCO entre 2005 e 2011 mostrou o Brasil na oitava posição do ranking de adultos analfabetos, com 14 milhões. A Índia é o primeiro colocado, com 287,4 milhões e o Congo é o décimo, com 12,4 milhões. Já os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) mostram que a taxa de analfabetismo da população analfabeta era de 13,2 milhões de habitantes em 2012.

No que diz respeito ao analfabetismo nas regiões brasileiras, um levantamento publicado pelo IBGE em setembro de 2013, mostrou que o nordeste era detentora de maior parte da população de analfabetos, sendo 22,5%, seguido pela região norte 10% em 2012 (Gráfico 1). Isso demonstra a falta de investimento do governo federal, estadual e municipal em investir em educação nessa região. É preciso criar uma ação conjunta entre essas três esferas com escopo de mudar essa situação extremamente periclitante. Tendo em vista também que grande parte desse analfabetos já são adultos, assim também incentivar e capacitar professores para atuar no EJA.

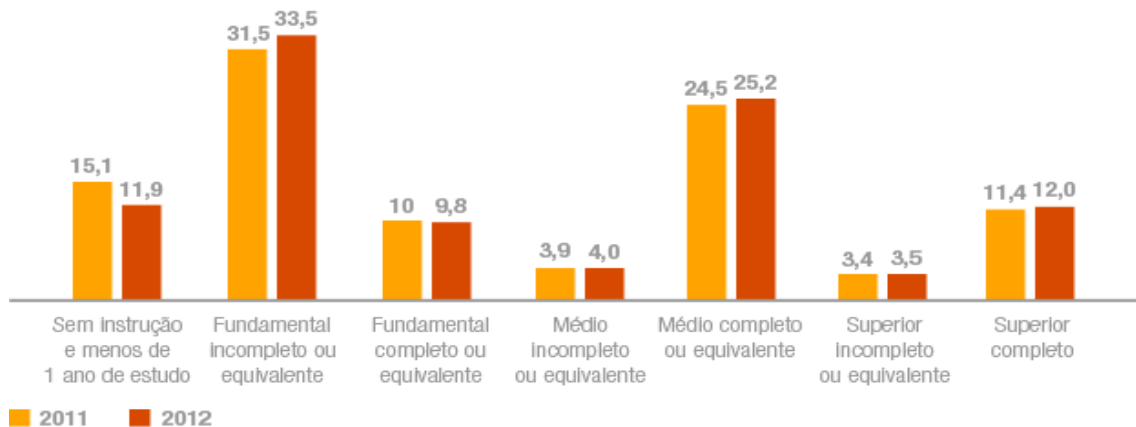
**Gráfico 1: Analfabetismo brasileiro por regiões.**



**Fonte: IBGE.**

Já sobre o nível de instrução dos brasileiros, nota-se que a maioria não concluiu o ensino fundamental, equivalendo a 33,5%, sendo que somente 12% da população têm curso superior completo (Gráfico 2). Esses dados demonstram a gravidade da falta de incentivo do governo em investir em educação. Países desenvolvidos como o Japão o qual apresenta analfabetismo em torno de 0,4% tem uma população com 72% com curso superior. Esses dados deixam claro que se não investir na leitura, alfabetização não vamos ter uma nação com educação de qualidade. Temos em investir muito no ensino de base.

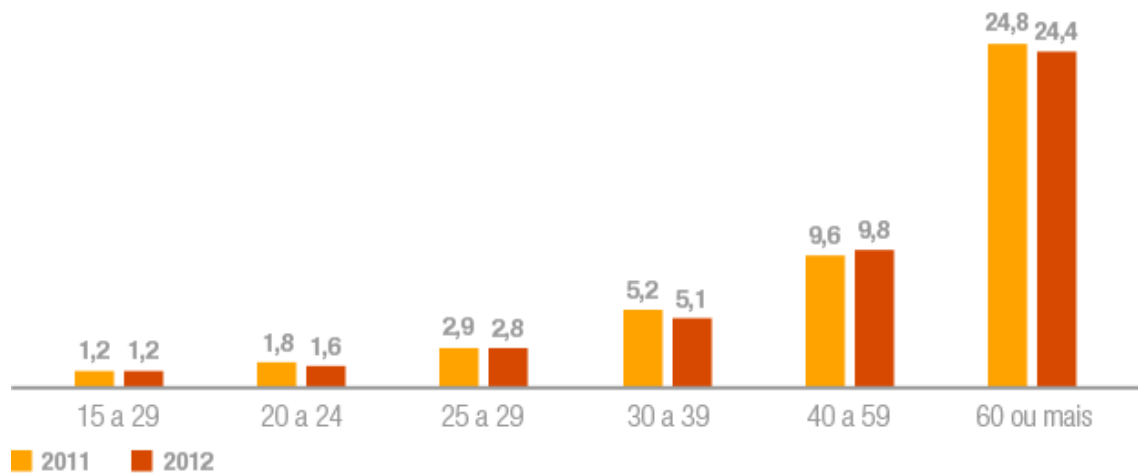
**Gráfico 2: Nível de instrução da população brasileira.**



**Fonte: IBGE.**

Em relação ao analfabetismo por faixa etária, o crescimento mais representativo ocorreu entre pessoas de 40 aos 59 anos. Por alfabetizado, o IBGE entende ser uma pessoa com condições de ler e escrever um bilhete simples. Mas a maioria dos analfabetos do país ainda tem 60 anos ou mais - eles são 3,2 milhões (Gráfico 3). O programa EJA precisa ser divulgado amplamente, treinar os professores para reduzir esse analfabetismo, apresentar a leitura para esses jovens adultos e idosos como um mundo a ser descoberto.

**Gráfico 3: Analfabetismo por faixa etária no Brasil.**



**Fonte: IBGE, 2004-2012.**

### 3.1 O PAPEL DO PROFESSOR E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A INFÂNCIA E O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA

Nem sempre o ambiente escolar é o mais agradável, completo e bonito. A maioria das escolas públicas no Brasil carece de investimento em infraestrutura e material didático. Cabe ao educador, na maioria das vezes, buscar alternativas que tornem esse período em que a criança passa na escola, o mais prazeroso possível, sendo o principal agente no processo de aprendizagem da escrita e da leitura. A escola tem o papel de incentivar tanto o professor quanto o aluno, disponibilizando meios para que a prática da leitura aproxime os indivíduos de forma agradável e estimulando-os, para que se torne um hábito.

Além disso, o professor é também um modelo para a criança, que se espelha em suas atitudes e comportamento. O seu papel não é só o de transmitir conhecimentos, mas o de criar e oferecer condições que potencializem a aprendizagem e o desenvolvimento destes, para que os estudantes se assumam como indivíduos-em toda sua unicidade – e cidadãos.

Um dos pilares básicos da Educação Infantil é a linguagem, pois é fundamental para a formação do sujeito, na sua interação com as outras pessoas e na orientação das ações e desenvolvimento do pensamento. Segundo Kramer e Souza (1996, p 77), apesar da insistência que a obrigatoriedade da leitura se dê devido à necessidade da

formação do hábito de ler, ao criar regras para as práticas de leitura e de escrita, acaba-se afastando os alunos do ato de ler. E isso faz com que, quando adultos, criem aversão pela leitura.

Para muitos pesquisadores, a escola deve propiciar aos alunos os caminhos para que eles sintam prazer em buscar conhecimento. Como Martins e Duarte (2010, p. 45), afirmando que:

...o objetivo central da educação escolar reside na transformação das pessoas em direção a um ideal humano superior, na criação das forças vivas imprescindíveis à ação criadora, para que seja, de fato, transformadora, tanto dos próprios indivíduos quanto das condições objetivas que sustentam sua existência social.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a educação infantil, publicado pelo MEC (1998, p. 89), o professor deve ter competência polivalente, trabalhando com conteúdo de origens diversas, a fim de prender a atenção dos alunos e promover sua interação com o ambiente e os colegas de classe. Para isso é preciso, que sejam dadas aos professores condições de contato com bons livros, filmes e peças teatrais, que os possibilitem um real encontro com seus alunos para intercambiar suas experiências de leituras.

Em 2006, o Ministério da Educação premiou professores do ensino de crianças de 0 a 11 anos, por suas ideias criativas responsáveis por estimular o aprendizado e o desenvolvimento. Apesar disso, segundo Francisco das Chagas Fernandes, secretário de Educação Básica (SEB/MEC), o Brasil ainda tem grande dívida com o setor educacional, desde a formação do professor de Educação Infantil até a falta de espaços escolares adequados para crianças menores de sete anos. Ainda, segundo Fernandes (2006) “Os trabalhos não se resumem à instituição, mas ultrapassam os muros da escola, proporcionando a socialização dessas experiências”.

Uma das recomendações de Araújo (2011, p.65) é que o governo desenvolva programas de capacitação e certificação de educadores da primeira infância de nível médio e superior que levem em conta os conhecimentos científicos sobre os fatores que promovem o desenvolvimento infantil. Ele também defende que os educadores devem estimular programas para promover o hábito de leitura em casa.

Muitas vezes a realidade em que a criança vive é bem diferente do ambiente escolar. Isso pode tornar-se um delimitador ou um motivador, a partir do momento em que inserimos a vivência dos próprios alunos no contexto diário de aprendizagem.

Promover a interação entre elas é fundamental para desinibi-las e ajudá-las a superar as barreiras.

### 3.2 LEITURA TECNOLÓGICA

O método de ensinar a leitura está interligado as mais diversas formas e contribuições de linguagem e técnicas pedagógicas o qual contribuem diretamente para o crescimento social, afetivo e cognitivo da criança que está aprendendo a ler. O local de aprendizado dessas crianças tem que estar preparado para os desafios que é ensinar a leitura, incentivando essa leitura seja de forma formal ou informal. Juntamente com os pais que deve auxiliar e ajudar no desenvolvimento da leitura em casa, pedindo para as crianças fazerem a leitura de um texto que já foi abordado em sala de hoje. Os professores devem dominar a prática de letramento, juntamente com a leitura dinâmica e leitura de textos virtuais uma realidade da sociedade contemporânea.

Para isso se faz necessário o domínio do letramento, como é reportado e explicado por, Costa e Ferreira (2007, p. 65):

Para os sujeitos, saber ler e escrever tem se revelado, muitas vezes, condição insuficiente para responder adequadamente às demandas contemporâneas. É preciso ir além da simples aquisição do código escrito; é preciso fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano; apropriar-se da função social dessas duas práticas; é preciso letrar-se.

À medida que as novas alfabetizações que incluem as tecnologias digitais e de mídia evoluem, preparar os alunos para entender e se adaptar a essas exigências de alfabetização é fundamental para as expectativas atuais e futuras de prazer e trabalho. Por exemplo, os professores podem se identificar com modelos passados de alfabetização que são de papel e lápis; no entanto, novas concepções envolvem mudanças contínuas de pontos de vista sobre leitura e escrita, particularmente com o advento da Internet. Essas novas alfabetizações incluem formatos de texto inovadores novas expectativas dos leitores e novas atividades. Estendem as experiências tradicionais de alfabetização com a compreensão de informações na Internet; uso efetivo de mecanismos de busca para localizar informações; avaliação de fontes da

Internet; comunicação usando e-mail, textos e bate-papos; e o uso de programas de processamento de texto, nesse sentido:

De acordo com Kassir (2004, p. 519), nesse sentido:

A escola vai apresentar à criança um olhar diferente do mundo: vai introduzi-la no mundo da produção científica, no prazer de desvendar os mistérios do mundo e de descobrir a existência de novas fronteiras nunca antes percebidas. Vai, também, introduzir a criança em conceitos iniciais de direitos e deveres celebrados por sua sociedade. Dessa forma, a escola vai se processando como elemento mediador entre criança e saber sistematizado [...].

A internet tem levado os educadores a enfrentar questões relacionadas às novas tecnologias, já que as inovações tecnológicas anteriores nunca foram adotadas tão rapidamente e em tantos lugares simultaneamente. A Internet permite a divulgação imediata de informações através do clique de um único link, por exemplo. Além disso, o acesso à Internet tornou-se comum nas escolas. Em 2005, aproximadamente 95% das salas das escolas particulares de São Paulo-Capital tinham acesso à Internet. Além disso, 80% dos alunos do ensino fundamental de 5º a 8º série usam computadores e mais de 50% das crianças menores de 9 anos usam a Internet. No entanto, a média do uso dos computadores na escola foi de 12 minutos por semana. Estes dados descritivos indicam que os computadores e o acesso à Internet estão disponíveis para estudantes, mas a maioria dos alunos não tem tempo suficiente na escola com essa tecnologia para desenvolver novas alfabetizações.

Soares (2003, p. 151) assegura que,

Embora os estudos e pesquisas sobre os processos cognitivos envolvidos na escrita e na leitura de hipertextos sejam ainda poucos (ver, por exemplo, além das já citadas obras de Lévy, também Rouet, Levonen, Dillon e Spiro, 1996), a hipótese é de que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um *letramento digital*, isto é, um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel.

Trazer novas alfabetizações para uma sala de aula não é uma tarefa fácil para um professor, especialmente quando dois terços dos professores se sentem menos preparados para usar a tecnologia. Os professores também enfrentam desafios adicionais. Estes incluem problemas com recursos (falta de tecnologia, tempo ou

suporte técnico), conhecimento e habilidades do professor (conhecimento tecnológico e pedagógico inadequado), liderança escolar (falta de planejamento escolar ou agendamento), atitudes e crenças dos professores (não valorizando ou sendo com medo do uso de novas tecnologias) e avaliações (expectativas tradicionais em vez de corresponder as novas alfabetizações).

De acordo com Chacon e Pedro (2017, p. 86),

A partir do advento da internet, a busca pelo conhecimento ultrapassou o uso exclusivo de livros impressos e a lógica linear, de maneira que outros recursos passaram a viabilizar a busca de informações e conhecimento de forma mais espiralada, de acordo com os interesses e as necessidades do próprio usuário; por exemplo, os hipertextos são textos digitais que proporcionam leituras não lineares conduzidas de acordo com os *links*, que oferecem novos rumos para esclarecer ou complementar a compreensão do tema pesquisado. Segundo Garcia et al. (2007), os nativos digitais realizam diversas atividades ao mesmo tempo e utilizam vários canais simultâneos de comunicação, ações estas denominadas *multitarefa*s, além de preferirem acessar arquivos gráficos a textuais. Com a facilidade de acesso às tecnologias e às informações disponíveis na internet, os estudantes não dependem mais dos professores para acessar o conhecimento, no entanto, nem sempre conseguem apropriar-se do conteúdo de forma aprofundada e pesquisam em fontes nem sempre seguras. Sendo assim, cabe ao professor orientá-los e acompanhá-los nesse processo, tornando significativo o aprender por meio do uso das TDIC.

A pesquisa de Warschauer (2006,p.66) descobriu que os computadores portáteis e as conexões com a Internet proporcionavam andaimes para muitos tópicos da sala de aula, criando conhecimento de fundo. Ele observou o aumento do envolvimento dos alunos em salas de aula sem fio enquanto os alunos participaram de atividades de escrita mais diversas, análise de leitura e uso de software de produção de mídia. Finalmente, ele observou como os alunos ganharam o controle de leitura na página, bem como na tela. Os alunos perceberam que havia mais em um computador do que jogos ou conversando e ganhou prática na leitura para uma variedade de propósitos, como a interpretação de elementos textuais e visuais em um documento e saber como navegar e encontrar informações.

Chalon e Padro, (2017, p. 86) descrevem esse processo como:

E na verdade, os usos das tecnologias no cotidiano da criança oportunizam uma série de fatores contribuintes para o processo de construção da aprendizagem, porém, necessita-se a intervenção e

acompanhamento sob orientação dos pais e educadores. Mesmo diante da defesa dos autores da autonomia que os alunos já têm na busca de informações, é preciso estar atento, pois a presença e uso da tecnologia não garantem aprendizagem significativa.

À medida que mais salas de aula e escolas adotam instruções de laptop individuais, é importante a necessidade de documentar o trabalho de professores e alunos nessas configurações. As descrições encontradas neste artigo fornecem os detalhes pragmáticos de fazer tal transição na instrução e podem servir como roteiros para os professores, considerando tal mudança em sua prática instrucional. Tendo assim a escola um papel primordial no ensino da leitura a partir de tecnologias, ajudando ser mais didático e amplo, saindo do livro e quadro negro.

#### **4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA SIGNIFICATIVA NA PRÁTICA COTIDIANA: UM CAMINHO À PERCEPÇÃO DO MEIO EXTERNO**

Existe uma pesquisa abrangente sobre habilidades de leitura e escrita, e existem várias perspectivas teóricas. A pesquisa de alfabetização precoce foi frequentemente caracterizada por um foco cognitivo e uma perspectiva tecnológica-determinista, na qual a ideia principal é que a tecnologia de escrita determina diretamente o pensamento das pessoas. Uma visão mais recente é ancorada sócio culturalmente, enfatizando a situação social, cultural e histórica da linguagem.

No ambiente escolar os livros, textos e charges só são aplicados com escopo de responder apenas a questionamentos previamente preparados, o qual denominamos como compreensão textual, descartando a preocupação em

desenvolver um aluno com senso crítico sobre o que ele está lendo. Segundo Lajolo (1982, p. 76).

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1982, P.59).

Numa perspectiva sociocultural, o aprendizado ocorre em contextos formais e informais, e aspectos importantes da aprendizagem da leitura incluem o uso de ferramentas e o desenvolvimento de artefatos (SÄLJÖ, 2000, 2002). Esta perspectiva exorta os professores a trabalhar com a consciência fonológica das crianças de forma estruturada, tomando o ponto de partida nas experiências, criatividade e interesses das crianças (LIBERG, 2006). Segundo Porto:

Nosso desafio é o de não ser um mero transmissor de conhecimentos, mas um professor que saiba ler criticamente o mundo e, a partir das suas sínteses pessoais, possa organizar programas pedagógicos que possibilitem o diálogo e interação com seus alunos...Várias são as discussões sobre as diferentes estratégias para a prática da leitura e a iniciação literária. No entanto, o que se conquistou até o momento ainda não é definitivo. Por isso, é necessário que se continue buscando uma mudança mais profunda, não só nas metodologias, mas na mentalidade docente. (PORTO, 2001, p.7).

Luke e Peter (1997,p.86) acrescentam a dimensão do pensamento crítico; lendo então é sobre engajar, reformular e examinar criticamente as maneiras pelas quais o mundo é descrito. Ler e escrever são atividades sociais culturalmente definidas.

Observemos esta afirmativa de Kleiman (2002):

Quando uma criança não encontra utilidade na leitura, o professor deve fornecer-lhe outros exemplos. Quando uma criança não se interessa pela leitura, é o professor quem deve criar situações mais envolventes. O próprio interesse e envolvimento do professor com a leitura servem como modelo indispensável: ninguém ensina bem uma criança a ler bem se não se interessa pela leitura. (KLEIMAN, 2002, p.34).

Há sempre propósitos e relações subjacentes, os textos não são neutros. Aprendemos a ler e escrever através de relações sociais, com pais, professores, amigos, mídia, etc.

Na leitura, a prática é colaborativa quando o professor se carrega de fazer perguntas que orientarão o leitor iniciante, ou quando o professor lê uma história para todos. Nesses casos, aquele que já é letrado (e necessariamente conhece o código) ajuda aqueles que não conhecem ainda o código nem a função das ilustrações no livro, mas que têm familiaridade com a prática de contar histórias e cooperam escutando em silêncio (KLEIMAN, 2005, p. 25).

De um modo mais amplo, o exercício de ler não está regulada em decifrar um código emitido, sua dimensão decreta outras capacidades, como descreveu Solé (1998, p. 67):

O processo hermenêutico da leitura deve ser compreendido como uma unidade de três momentos: da compreensão, da interpretação e da aplicação. O sujeito apreende os sentidos, coteja-os à luz de seu conhecimento e introjeta-os, incorporando-os de acordo com suas possibilidades e necessidades.

A visão de si mesmo é construída por práticas de leitura institucionalizadas. Os textos sempre representam valores e visualizações. Nesta perspectiva, as atividades de incentivar a leitura na sala de aula tornam-se cruciais. Seguindo essa perspectiva, o "Modelo de quatro recursos da leitura" (Luke e Peter, 1997) especifica um conjunto de práticas que as crianças precisam participar para se desenvolverem em bons leitores;

Segundo Freire (2003, p. 45), a leitura é um procedimento no qual o sujeito dispõem-se num trabalho ativo de interpretação e compreensão do texto, a partir de seus objetivos anteriores à leitura, de seu conhecimento sobre o assunto, ou ainda, sobre o autor e de tudo que este sabe sobre a linguagem. Desta maneira, a leitura não é um mecanismo de extrair informações, decodificar letras e palavras. A leitura é uma atividade que exige estratégias de interpretação, antecipação de ideias, inferências de conhecimentos prévios do sujeito sem as quais não é possível a realização de uma leitura proficiente.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (BRASIL, 2001, p. 89) o exercício da leitura como escopo a concepção de pessoas

adequadas e, por conseguinte, a concepção de autores, pois a probabilidade de produzir textos ativos é proveniente da prática de leitura de textos, ambiente de criação da intertextualidade é uma ampla fonte de referências modalizadoras. Entretanto a leitura, é matéria-prima para uma escrita: Sendo que escrever por diferente, colabora para a composição de modelos (BRASIL, 2001, p. 89):

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, de sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura dita.

Se o escopo é a criação de uma sociedade capaz de formar cidadãos adequados a compreender os mais diversos tipos de escritas de textos com os quais se enfrentam, é necessária uma ampla organização da escola com finalidade de incluir medidas educativas o qual preparam seus alunos para esse desafio. Sendo assim necessário demonstrar a eles todos os tipos de textos existente no mundo: não se cria leitores assíduos pedindo que os alunos façam uma leitura em voz alta durante as atividades de sala de aula, apenas no livro didático não é suficiente, exclusivamente porque o professor ordenou que o aluno fizesse a leitura. Realizar um trabalho com a diversidade textual, sem ela pode-se ensinar a ler, mas seguramente não se desenvolverão leitores competentes.

#### 4.1 O PROFESSOR E O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA

O Brasil teve um grande salto em relação aos estudos de leitura a partir da década de 70. Durante a década de 70 que surgiu o modismo “formação do cidadão” como descreve Britto (2003, p.116),

Idealmente, esta expressão identifica um conjunto de ações político-educativas encetadas por determinada comunidade, de um país ou nação, para que seus membros reconheçam e exerçam direitos e cumpram obrigações para com a própria comunidade e com o Estado. Trata-se, em outras palavras, de um conjunto de ações político-sociais que visam estabelecer e incutir na gente valores e comportamentos desejados desde uma concepção de organização social e de individualidade.

Segundo a Declaração Mundial que aborda a Educação para Todos, constituída pela UNICEF e a UNESCO, juntamente com o Banco Mundial, ficou estabelecido que:

Cada pessoa - criança, jovem ou adulto - deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem. Essas necessidades compreendem tanto os instrumentos essenciais para a aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), quanto os conteúdos básicos da aprendizagem (como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), necessários para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo. A amplitude das necessidades básicas de aprendizagem e a maneira de satisfazê-las variam segundo cada país e cada cultura, e, inevitavelmente, mudam com o decorrer do tempo. (UNICEF/UNESCO, 1990. art. 1, itens 1)

A Literatura Infantil, desde sua origem, instiga uma reflexão que procura definir sua condição nas artes em geral. Tendo o gênero uma especificidade, destoa de outras formas de manifestação artística, devido à caracterização do adjetivo 'infantil' e sua íntima ligação com o universo escolar. Há, porém, a preocupação em reafirmar a condição artística da obra literária e fazer uma reflexão sobre a apropriação que a escola faz desse gênero. Apesar de hoje existir uma forte tendência em separar as questões pedagógicas da obra literária, o ponto de chegada para as diferentes propostas é a escola, local onde se formam os leitores. De acordo com Paiva; Rodrigues (2009, p.103):

São múltiplos os fatores que contribuem para que a Literatura Infantil se faça cada vez mais presente em nossas escolas: o crescente desenvolvimento editorial da produção voltada para esse segmento; a qualidade das obras produzidas por escritores e escritoras brasileiros (reconhecida mundialmente); as políticas públicas preocupadas com a formação do leitor; a divulgação de títulos e autores brasileiros por organismos públicos e privados; as recomendações explícitas dos PCNs – Parâmetros curriculares Nacionais – para o desenvolvimento de práticas de leitura em todos os níveis de ensino; o empenho de inúmeros educadores em levar a leitura literária para as suas práticas docentes e principalmente o fato de a instituição escolar cumprir a função de democratizar o livro, num país de poucas bibliotecas e de praticamente inexistente compra de livros em livrarias por esse segmento da população que frequenta a escola pública.

As crianças se apresentam para professores ou cuidadores de pré-escola com muitas diferenças em suas habilidades cognitivas, sociais, físicas e motoras. Essas diferenças estão associadas tanto às características "funcionais" - como características de temperamento, estilo de aprendizagem e motivação - e status - incluindo gênero, raça, etnia e classe social. Os dados sobre as crianças ao entrar no jardim de infância sugerem que há diferenças significativas em muitos aspectos do desenvolvimento pelo tempo que as crianças alcançam a porta da escola. Os recursos (como livros e gravações de áudio) e atividades (leitura de livros, narração de histórias, interação verbal) aos quais as crianças de status socioeconômico mais elevado (SES) são tipicamente expostos são fortes correlatos de muitos aspectos do desenvolvimento cognitivo, e o SES está correlacionado com aspectos sociais e algumas formas de desenvolvimento físico também. Como é descrito por Benjamin, 1994.

Grande parte da pesquisa sobre o É evidente que esses textos têm um caráter completamente distinto dos títulos de um quadro. As instruções que o observador recebe dos jornais ilustrados através das legendas se tornarão, em seguida, ainda mais precisas e imperiosas no cinema, em que a compreensão de cada imagem é condicionada pela sequência de todas as imagens anteriores (BENJAMIN, 1994, p. 175).

Aprendizado de crianças pequenas investiga o desenvolvimento cognitivo em linguagem, matemática e ciência. Como estes parecem ser "domínios privilegiados", isto é, domínios em que as crianças têm uma propensão natural para aprender, experimentar e explorar, permitem criar e estender os limites da aprendizagem em que as crianças já estão ativamente envolvidas. Desenvolver e ampliar os interesses das crianças é particularmente importante nos anos pré-escolares, quando a atenção e a autorregulação são habilidades nascentes.

#### 4.2 LEITURA INTERDISCIPLINAR

As teorias interdisciplinares sustentam a visão de que, ao construir o significado através dos textos, o leitor ou o escritor orquestrou numerosas funções, incluindo funções linguísticas, psicológicas, cognitivas, sociais e críticas (SILVA,2004).

Como resultado da pesquisa cooperativa de linguistas, psicólogos e psicolinguísticas na década de 1970, nasceu uma perspectiva interdisciplinar. Os pesquisadores demonstraram como os alunos adquirem linguagem e alfabetização. (a) Todos os seres humanos seguem padrões semelhantes de desenvolvimento de linguagem. (b) Os alunos aprendem a linguagem naturalmente ao participar como membros de sua comunidade. (c) A aprendizagem é governada por regras (Brown, 1971). (d) A aprendizagem é um processo ativo e reflexivo que é conduzido por tentativa e erro (Goodman, 1971). (e) Os leitores usam inúmeros sistemas ou sistemas de informação na busca de significado. (f) A leitura é um processo preditivo e construtivo quando usamos o que lemos e o que sabemos antecipar o significado no texto. (g) A linguagem tem significado através de contextos, pois estão inevitavelmente associados a situações, modelos culturais e grupos socioculturais e políticos. A linguagem não produz uma, mas muitas leituras diferentes do ponto de vista sociocultural (Gee, 2000). Como descrito por Maria Euza Silva Gonçalves (2014, p. 23):

O que vem a ser interdisciplinaridade e porque existe, atualmente, por partes das reformas curriculares, uma grande preocupação para introduza-la na educação. Recorrendo ao dicionário Aurélio temos interdisciplinar como é comum as duas ou mais disciplinas ou ramos do conhecimento. Podemos entender então a preocupação dos órgãos do governo, dizendo que, se a escola é a primeira instituição onde entramos em contato com o conhecimento formal, nada mais previsível que sair de lá a noção de multiplicidade presente nos conteúdos e disciplinas. Perfeito! Esse deve ser conceito mais abrangente de escola. Entretanto, para que se estabeleça a interdisciplinaridade nos projetos pedagógicos, é necessário que os professores reconheçam o significado disso, saibam (eles próprio) traçar um estudo interdisciplinar na sua formação e conduta profissional e passem pelas áreas de conhecimento como quem lê um todo, histórico e cultural.

As salas de aula que são projetadas para refletir uma perspectiva interdisciplinar permitem uma variedade de locais de ensino e aprendizagem que acomodam aprendestes em trabalho individual, trabalho em grupo pequeno e instrução de classe inteira. A arquitetura orienta um fluxo de atividades que apoiam as

funções linguísticas, psicológicas, cognitivas, sociais e críticas da linguagem e da alfabetização. O professor organiza o equilíbrio dessas atividades para que os alunos sejam adaptados às tarefas e materiais apropriados. Os professores são modelos, mentores, colaboradores, facilitadores e fontes de informação.

Eles explicitamente demonstram habilidades e estratégias; Eles convidam e apoiam os alunos enquanto tentam coisas novas. Um espírito de investigação conduz cada unidade de estudos interdisciplinares; os alunos fazem perguntas e usam múltiplas fontes de mídia para encontrar respostas. Os alunos são responsabilizados pelo seu trabalho através de procedimentos de avaliação sistemática que estão interligados com o ensino e a aprendizagem. Os professores e alunos usam informações de avaliação para estabelecer resultados e objetivos. Como resultado de avaliações multivariadas, os professores são capazes de responder não apenas às necessidades curriculares e aos interesses dos aprendizes individuais, mas também às suas estratégias e estilos de aprendizagem (Weaver, 1994). Confinando a concepção de leitura descrita por Kleiman e Moraes (2005, p. 12):

Outro aspecto abordado pelas autoras é o conceito de intertextualidade, que nos faz entender porque a leitura desfaz a fragmentação entre as diversas áreas do conhecimento. Argumentam, ainda, que as atividades de leitura, propostas por elas, estão longe daquelas realizadas na escola, isto, porque na escola estas atividades restringem-se à leitura de textos de livros didáticos. Justificam que este tipo de texto tem a sua importância, mas é necessário inserir outros gêneros textuais para ampliar a visão de conhecimento do aluno. Nesta perspectiva, elas fazem um paralelo entre as noções de alfabetização e letramento para comparar as concepções de leitura e escrita de vinte anos atrás com as que são exigidas do indivíduo atualmente, nesta sociedade altamente tecnológica. Em função disso, é necessário repensar as práticas de letramento da escola, sendo que, a proposta que é apresentada neste livro foca justamente este ponto.

Esse nível de síntese requer pensamento crítico e analítico. Um grupo está trabalhando em agricultura e agricultura, um sobre comércio monetário e alimentar, um em transporte, outro sobre dietas e preferências alimentares, e assim por diante. O quarto instantâneo é tirado no final desta unidade de estudos. Os alunos prepararam vários mapas, gráficos e resumos escritos para responder as perguntas que eles fizeram no início da unidade. Eles integraram inúmeras fontes de informação para

apresentar uma compreensão conceitual dos recursos mundiais e distribuição de recursos. Sua compreensão interdisciplinar e conceitual é o resultado de uma solução de resolução de problemas ou cognitiva para leitura e escrita. Eles concluirão esta unidade interdisciplinar de estudos, tomando ação política. Alguns alunos reunirão itens alimentares para distribuir localmente; outros solicitarão ao governo que preveja mais dinheiro para programas de ajuda internacional; outros investigarão áreas de serviço através de agências internacionais sem fins lucrativos; e todos expressarão um profundo conhecimento e consciência em relação às questões locais e globais no fornecimento e demanda de alimentos.

## **5 CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA**

O processo de aprendizagem de leitura para uma criança muitas vezes é um processo difícil e doloroso. Diversas vezes as crianças na fase de alfabetização ficam com vergonha de ler e erra. Gerando assim, uma retração da criança pela leitura. Devido a esse fato se faz necessário compreender ao fundo a alfabetização e o letramento. Entretanto se faz necessário saber o que significa alfabetizar e letramento de uma criança na prática.

De acordo com Soares (2004, p. 96/97),

Letramento é palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização. Esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas na e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar – no sentido tradicional – a criança ou o adulto. [...]

alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. Tal fato explica por que é conveniente a distinção entre os dois processos.

Castanheira (2009, p. 14) também descreve o que seria o letramento e alfabetização o qual coloca que:

[...] podemos considerar o que Soares (2006) e Freire (1991) discutem sobre alfabetização e letramento. Soares afirma que, para entrar e viver nesse mundo do conhecimento, o aprendiz necessita de dois passaportes: o domínio da tecnologia da escrita (o sistema alfabético e ortográfico), que se obtém por meio do processo de alfabetização, e o domínio de competências de uso dessa tecnologia (saber ler e escrever em diferentes situações e contextos), que se obtém por meio do processo de letramento.

Sobre esse respeito, Freire (1991) afirma: “Não basta saber ler ‘Eva viu a uva’. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”. Dessa forma, Freire chama a nossa atenção para o fato de que não basta simplesmente dominar a escrita como um instrumento tecnológico. É preciso considerar as possíveis consequências políticas de inserção do aprendiz no mundo da escrita. Essa inserção favorecerá uma leitura crítica das relações sociais e econômicas (re)produzidas em nossa sociedade.

Isso tudo reportado pela Castanheira ressalva a importância do docente dominar as metodologias e práticas de letramento e alfabetização. A leitura está também relacionado fortemente a escrita se uma criança e/ou adolescente perde o gosto pela leitura, dificilmente ele apresentará uma escrita correta.

Baseado nisso Soares (2003, p. 68) ressalta que ler: “É uma atividade prazerosa, uma forma de brincar com as palavras, de proporcionar uma rica fonte para a imaginação, que transporta a criança para mundos diferentes”.

Por ser uma atividade prazerosa a leitura possibilita o exercitar, o discernimento, o partilhar de sentimentos e pensamentos, necessidades e interesses, colocam em outros tempos, outros lugares, outras culturas, em situações e dilemas do imaginário. Nada desenvolve mais a capacidade verbal que a leitura quer seja de livros, revistas ou jornais. Através delas tem-se acesso ao conhecimento nas diversas áreas

Novamente afirmamos que a escola exerce o papel fundamental na leitura, letramento e despertar pelo gosto da leitura. Uma biblioteca rica em livros, que desperta o interesse das crianças é fundamental, juntamente com pais que apoiam a leitura dentro de casa.

De acordo com Antunes (2005, p. 14),

A escola também tem um papel no desenvolvimento dessa cultura leitora, que deve ser trabalhada no cotidiano e não em ações isoladas. (...) A escola não é uma ilha, pelo contrário, ele é um polvo que deve lançar os seus tentáculos pelo menos em toda comunidade onde está inserida. E, ao reconhecer a verdadeira situação das práticas de leitura nos lares, terá ideia inicial do trabalho que precisa desenvolver para suprir as lacunas existentes. Promover um trabalho consistente de leitura, útil para a formação de cada criança, inclui o lazer, o prazer estético, o acesso às informações.

Portanto a grande dificuldade do professor, pedagogo e escola é despertar uma alfabetização prazerosa, uma leitura e letramento que desperta interesse dos alunos, que estão ali vivenciando esse momento.

## 5.1 ALFABETIZAÇÃO UM MEIO PARA A REALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO PENSAMENTO

A escola deve adotar ações pedagógicas que mostram para o aluno a importância de ler com um objetivo definido

Partindo disso, Ferreiro (1997, p. 12) mostra-nos que,

O ato de ler não se resume em decodificar letra por letra ou palavra por palavra, mas envolve um movimento contínuo de análise e síntese onde o leitor, respaldado em seu conhecimento de mundo, une todas as pistas que o texto oferece (desde o título ou as ilustrações que o precedem) para fazer hipóteses conscientes ou inconscientes sobre o que lê, para em seguida confirmá-las ou rejeitá-las, no texto.

Como a leitura é uma atividade individual, cada leitor tem a sua escolha pessoal, dessa forma os programas de leitura devem dar liberdade ao aluno para ler o que quiserem sem nenhuma cobrança por parte do professor.

Segundo Ferreiro (1987, p. 15) a leitura está relacionada com o emocional, social com afetividade do aluno:

Para compreender o processo de leitura, devemos compreender de que maneira o leitor, o escritor e o texto contribuem para ele. Uma vez que [...]a leitura implica uma transação entre o leitor e o texto, as características do leitor são tão importantes para a leitura como as características do texto.

Podemos considerar sem sombras de dúvidas que a leitura é o saber mais importante que uma pessoa pode adquirir em sua vida. Entretanto, temos que despertar o gosto pela leitura, não é apenas ensinar a ler e sim educar as crianças e despertar o interesse e o gosto pela leitura.

Com isto a criança começa a ter sua visão sobre os textos, criando uma crítica do que está lendo, começando a moldar o tipo de textos que ela tem interesse, criando uma mente crítica e pensante.

De acordo com Franchi (2012, p. 104),

O aprendizado de leitura e escrita tem que orientar-se sempre para o que seja ler e escrever e nenhum processo ou método de alfabetização será eficaz se retirar de perspectiva o valor da escrita e da leitura na prática social contemporânea. O período de iniciação, entretanto, tem características próprias e atividades que são de natureza didática completamente diferente. Por exemplo: todos sabem que escrever e ler não consiste meramente em estabelecer uma correspondência entre cadeias de sinais gráficos e cadeias de fala; mas a alfabetização passa necessariamente pela correspondência entre sons e grafias. Sabe-se também que ler e escrever é uma atividade construtiva e criativa e não um jogo de palavras.

Deste modo fica explícito que a leitura, alfabetização e letramento são conhecimentos das práticas sociais e culturais que se faz do uso da leitura e escrita.

Franchi (2012, p. 104) nos ajuda a compreender isso de uma forma bem clara:

Por isso que a alfabetização deve ancorar-se na linguagem que as crianças dominam e nascer com fortes marcas da oralidade. Se a alfabetização possui um aspecto manipulativo e técnico que exige um certo tempo de instrumentalização e maturação, como vincular no entretanto, essas tarefas a atividade de linguagem – espontâneas, originais, expressivas? Parece-me que o modo mais natural de ligar os primeiros escritos e a linguagem é o de integrá-los à conversa espontânea dos alunos. É nesse espaço da oralidade que esses “escritos” se tornam significativos, como parte de processos expressivos mais amplos e criativos em que o alfabetizador letrado se ancora.

Visando compreender melhor, Silva (2005, p. 9) demonstra alguns esclarecimentos,

Procurando definir, no campo do ensino, essas questões, o texto de CAFIEIRO “Crianças de seis anos no Ensino Fundamental: o que ensinar sobre a leitura e a escrita?” apresenta os eixos considerados fundamentais para a organização das práticas de alfabetização e letramento (compreensão e valorização da cultura escrita; apropriação do sistema de escrita; leitura; produção de textos; desenvolvimento da oralidade), oferecendo ao professor alfabetizador pontos para refletir sobre sua prática pedagógica, em função de metas e de atividades bem delimitadas. Outro aspecto importante na reelaboração dos projetos pedagógicos das escolas é a definição de instrumentos compartilhados para diagnosticar e avaliar os alunos e o trabalho que é realizado.

Com isso podemos afirmar a importância da escola na aprendizagem da criança, novamente a leitura é fundamental para criamos uma pessoa com uma mente crítica e criar questionamento perante a sociedade. Uma criança que tem gosto pela leitura saberá ter uma visão ampla sobre a sociedade. Saberá problematizar as questões que aparecem no dia-a-dia.

## 5.2 A ESCOLA COMO MICROSSOCIEDADE DE LEITORES E ESCRITORES

Para Kleiman (2005), letramento é quando utilizamos a linguagem da escrita não somente na sala de aula, mas no dia-a-dia, quando lemos anúncios, propagandas ou informativos. Assim, o letramento não ocorre apenas quando a criança ingressa na escola, mas sim, antes mesmo de aprender a ler ela já é capaz de distinguir as letras por seus formatos, sem saber ao certo o que elas significam. Na escola o letramento é direcionado para a leitura e escrita, começando então a alfabetização.

Se uma criança participa de eventos de letramento no lar- por exemplo, escuta as histórias que um pai, avô ou irmão mais velho lê para diverti-la e distraí-la-, essa criança já associa o livro ao lazer, àquilo que lhe é prazeroso e aconchegante. Crianças que tiveram uma relação afetiva e prazerosa com os livros de histórias – na creche, no lar ou na escolinha-, poderão achar um sentido para qualquer atividade de decodificação, porque já conhecem inúmeras funções da palavra escrita e estão à procura da chave que lhes permitirá entrar no mundo da escrita por si mesma, sem a ajuda de um adulto (KLEIMAN, 2005, p. 92).

A pesquisadora sugere que desde cedo os educadores estimulem as crianças a incrementar as pequenas histórias com perguntas que lhes façam imaginar como será determinado personagem, dando a eles detalhes físicos que as ajudem a dar vida à história. Rimas, imagens, fantoches, música, teatro, contadores de história e desenhos podem ajudar as crianças a ter melhor aceitação e interesse pelo mundo da leitura.

O professor deve promover entre as crianças situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que estimule a troca, para que possam se expressar e se comunicar. Ainda é importante a existência de um ambiente acolhedor, organizado e com materiais adequados, que auxiliem o professor no fornecimento de elementos afetivos e de linguagem para que as crianças aprendam a conviver, buscando as soluções mais adequadas para as situações com as quais se deparam diariamente. Interação não quer dizer, porém, que as crianças devem estar sempre acompanhadas, sozinhas elas fazem novas descobertas e as compartilham com os colegas.

Uma vez que a leitura é um ato individual de construção de significado num contexto que se configura mediante a interação entre autor e leitor, podemos considerar que a experiência será diferente para cada leitor, dependendo de seus conhecimentos, interesses e objetivos do momento (KLEIMAN, 2002, p. 91).

Criar um cantinho da leitura na escola, sala de aula ou biblioteca, além de procurar novos espaços em um jardim ou parque tranquilos, é uma das muitas estratégias que podem ser utilizadas para incentivar as crianças a lerem. Reinventar a forma de ler, mostrando ao aluno que é um momento de prazer, e não de obrigação, é o maior desafio do educador. O aprendizado da leitura será a ponte entre as outras áreas de conhecimento e da vida, pois não se aprende a ler e escrever porque temos que estudar e sim, para usá-los no decorrer da vida.

Assim, é fundamental que seja trabalhado em sala de aula objetivos específicos, propósitos claros para a leitura, pois a capacidade de compreender leva o educando ao mundo do conhecimento, e só através da prática da leitura tornará leitores competentes.

Kleiman (2000, p.35) afirma ainda que,

A leitura que não surge de uma necessidade para chegar a um propósito não é propriamente leitura; quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercendo atividades mecânicas que pouco tem a ver com o significado e sentido. Aliás, essa leitura desmotivada não conduz à aprendizagem.

Dessa forma, o conhecimento pode ser encontrado através da leitura e esta, por sua vez, possibilita formar sujeitos conscientes de seus direitos, atuantes numa sociedade capitalista e competitiva.

O Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), desenvolvido pelo Ministério da Educação em 1997 e atualmente praticado pelo governo, visa promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura, para alunos e professores, por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. É uma forma de incluir no cotidiano de ambos um programa variado de livros, textos e didática, visando incentivar a leitura e sua disseminação.

Segundo o autor e pesquisador Ricardo Azevedo (2006, p. 54):

“... falar em crianças significa falar nas pessoas que um dia vão nos substituir e que para isso precisarão receber informações de todo o tipo, mas mais do que isso. Crianças são artífices do novo, das ideias que ainda ninguém teve, das concepções que vão suplantar as que temos atualmente. Para tanto elas precisam ter uma formação livre e criativa, precisam saber lidar com a ambiguidade, precisam aprender a se expressar, precisam aprender a ter coragem de dizer a palavra nova, o pensamento que ainda nunca foi pensado. Neste aspecto, a literatura pode dar uma grande e insubstituível contribuição.”

Cada leitor é diferente e gosta de determinado tema. É importante que ele mesmo identifique o que mais lhe agrada na leitura, para que ela seja produtiva e satisfatória.

Além disso, sabe-se que a leitura é uma construção diária, uma comunhão baseada no prazer e na livre interpretação, que exige esforço e disciplina. A literatura é uma forma lúdica de pensarmos sobre a vida e o mundo. Mesmo na ficção, podemos tirar aprendizados que nos tornarão pessoas melhores quando nos depararmos com dilemas morais e decisões que mudarão o destino dos personagens (AZEVEDO, 2007).

### 5.3 ANÁLISE DE TRÊS AUTORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA O ENSINO DA LEITURA

Ao debruçar-se sobre essa temática, Freire expressou sua repulsa ao trabalho alienador de memorização e, ao mesmo tempo, denunciou o perigo da eminente morte do humano, quando destituído de sua capacidade de criar. Acreditamos que Paulo Freire expressa essa ideia de modo veemente quando nos diz:

... O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória—não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro, Freire (1999, p.30).

Freire (1999, p. 29) destaca a incoerência entre não se realizar uma leitura do mundo, uma leitura contextualizada, e a capacidade de desenvolver um professor crítico, pois segundo ele: "... tornar-se um professor crítico se (...) é muito mais um repetidor cadenciado de frases e ideias inertes do que um desafiador...". Para o autor, não há como produzir conhecimento e desenvolver uma visão crítica, sem que possamos fazer a leitura do vivido, percebido como algo que nos move a ver, sentir, indagar, fazendo dessa inquietação uma produção de sentidos. Embora possa nos pareça óbvio, é fundamental a compreensão autêntica do texto, pois não há como desprezar a necessidade do autor que se dispôs a dizer algo, a se expor, enfim se desvelar por meio de sua escrita como descreve Freire (1987, p. 17).

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas que não foram percebidas antes pelo ensinante. Mas agora, ao ensinar, não como um *burocrata da mente*, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade — razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às *adivinhações* dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade — o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado.

Frei, reporta a necessidade de ensinar um aluno, de mostrar a essa criança o conhecimento, entretanto esse conhecimento só pode ser adquirido a partir da leitura, sem essa ferramenta é impossível obter conhecimento.

Nos anos de 1980 são divulgados, no Brasil, os resultados dos estudos realizados pela pesquisadora argentina, Emilia Ferreiro, e seus colaboradores, contendo uma nova abordagem do processo de aquisição da língua escrita pela criança como descreve Emilia (1982, p. 11).

"Para aprender a ler e a escrever é preciso apropriar-se desse conhecimento, através da reconstrução do modo como ele é produzido. Isto é, é preciso reinventar a escrita. Os caminhos dessa reconstrução são os mesmos para todas as crianças, de qualquer classe social."

Emilia Ferreiro ganhou fama pelo desenvolvimento, com seus colaboradores, de pesquisas empíricas que lhe permitiram desenvolver uma teoria sobre a psicogênese da linguagem escrita, que foi divulgada em vários países, incluindo o Brasil. Seu desempenho profissional também revela seu compromisso político de contribuir para a busca de soluções para problemas relacionados com alfabetização. Esta busca de soluções visava modificar a realidade educacional das nações latino-americanas, em relação à falha de alfabetização encontrada principalmente em crianças das classes mais baixas. Isso levou Ferreiro a propor - particularmente através dos resultados do estudo contidos no livro *Psychogenesis of Written Language* - uma nova maneira de pensar sobre a alfabetização, uma vez que, do ponto de vista do pesquisador, a falha na alfabetização estava relacionada à forma como esse processo havia sido apresentado e praticado até então Emilia (1986, p. 45).

"O processo de alfabetização nada tem de mecânico do ponto de vista da criança que aprende. A criança constrói seu sistema interativo, pensa, raciocina e inventa buscando compreender esse objeto social complexo que é a escrita. Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para ser avaliado. Aprender a lê-las, interpretá-las é um longo aprendizado que requer uma atitude teórica definida. As crianças não precisam atingir uma certa idade e nem precisam de professores para começar a aprender. A partir do nascimento já são construtoras de conhecimento. Levantam problemas difíceis e abstratos e tratam por si próprias de descobrir respostas para elas. Estão construindo objetos complexos de conhecimento. E o sistema de escrita é um deles".

Emilia Ferreiro possui uma vasta produção escrita, traduzida em várias línguas, em vários países, entre eles o Brasil. Também é possível verificar que existem poucos estudos e pesquisas mínimas sobre o pensamento construtivista de Emilia Ferreiro sobre a alfabetização. Emilia Ferreiro sempre apresentou um pensamento construtivista sobre alfabetização de uma perspectiva histórica.

A pesquisadora Magda Soares diz que em uma sociedade como a nossa, na qual o acesso à cultura é ao mesmo tempo tão valorizado e tão restrito à pequena parte da população, a disseminação da prática da leitura na escola torna-se fundamental para a busca do exercício da cidadania e a conquista de uma realidade menos desigual, portanto, mais justa. Grosso modo, a capacidade de ler torna-se um importante instrumento de poder, pois cria espaço para que o cidadão tenha vez e voz: seja um sujeito que interaja na realidade em que vive. Fazemos nossas as palavras de Magda Soares (1999, p. 19), quando a autora defende que

Em nossa cultura grafocêntrica, o acesso à leitura é considerado como intrinsecamente bom. Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação.

Como vemos, a leitura abre um mundo de possibilidades àqueles que dominam essa competência, bem como praticamente exclui aquele que dela não sabe fazer uso, discriminando-o cultural, econômica e socialmente. Isso mostra que a leitura não é uma ação com fim em si mesma, mas uma capacidade, através da qual atingimos um determinado objetivo, como descreve Soares (2005, p. 35).

Durante muito tempo, era considerado analfabeto o indivíduo incapaz de escrever seu nome próprio. De um tempo para cá, o que define este indivíduo como analfabeto ou alfabetizado é o saber, ou seja, um estudo simples ou um recado, que são ações da escrita que são uma prática social. Ser alfabetizado hoje, incorporar as práticas da leitura e da escrita, adquirir competência para usá-las, envolver-se através de livros (como como jornais, revistas, etc.), saber preencher formulários, escrever cartas, localizar-se em catálogos telefônicos, Uma outra base de remédio entre outros (SOARES, 2005).

Isto demonstra como o processo de alfabetização defendido por Soares é de extrema importância, não devemos saber apenas ler, mas sim interpretar todos os tipos de leitura.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A leitura como grande instrumento facilitador da aprendizagem precisa ganhar lugar de destaque nas escolas. Os anos iniciais escolares deixam marcas profundas nos alunos. Paulo Freire (1989) em “A importância do ato de ler” trabalha a temática da leitura, discutindo sua importância, explicitando a compreensão crítica da alfabetização, reforçando que a alfabetização demanda esforços no sentido de compreensão da palavra escrita, da linguagem, das relações do contexto de quem fala, lê e escreve a relação entre leitura de mundo e leitura de palavra.

É preciso uma maior conscientização por parte dos educadores. Alguns tentam e conseguem encontrar o caminho certo, já outros cruzam os braços por acharem sua prática correta, sem se preocupar em buscar formas alternativas de trabalho. O interesse em ler e o consequente envolvimento em leituras, além do exigido pelo professor, são muitas vezes considerados como algo intrínseco ao aluno, dependendo exclusivamente de suas motivações internas e de sua boa vontade.

Daí a importância desta pesquisa em adquirir uma reflexão sobre as questões relacionadas à leitura entre os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, visto que ainda há uma grande defasagem de leitores comprometidos e estimulados nas salas de aula.

Geralmente, a escola responsabiliza o aluno e suas condições familiares pela falta de interesse e não assume como sua a tarefa de incentivar o exercício da leitura. Nesse sentido, se torna pertinente discutir algumas condições importantes que precisam ser garantidas para cultivar a motivação dos alunos pela leitura. O ensino

da leitura deve incorporar um equilíbrio entre as estratégias de ensino, incluindo uma abordagem sistemática de fonética e outras estratégias de leitura de palavras, e uma ênfase significativa nas crianças com uma ampla gama de textos, incluindo imagens móveis e digitais - tudo disponível para ler desde o início.

Deve ser dada atenção à leitura para fins e prazer, e para introduzir as crianças em textos mais desafiadores, além de se concentrar nas habilidades de leitura de palavras. Uma escola deve investir significativamente em livros e adultos para apoiar a leitura. Os professores devem ser bem informados e entusiasmados com literatura adequada para crianças para que possam recomendar e inspirar suas aulas, bem como indivíduos. Motivação para ler é um componente crucial do trabalho de um professor. Esta abordagem resulta em engajamento profundo, bem como na precisão na leitura, que são cruciais e levam a padrões elevados. Precisamos desenvolver a habilidade e a vontade.

Percebe-se a partir dos resultados expostos que o índice de alfabetização e sua respectiva qualidade tem ascendido gradativamente.

A alfabetização se dá início somente com o auxílio e professores, mas por meio do contato das crianças com rabiscos, figuras e até mesmo sua audição.

Portanto, faz-se necessário a valorização da fase de pré-alfabetização, a qual possibilite as crianças terem um contato prévio com os instrumentos primários de alfabetização. Em relação aos meios para a inserção da leitura, é de suma importância que seja pleiteado meios que facilitem o contato da criança com a leitura, e ainda assim, a estimule habituar-se a leitura.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, A. P. **Aprendizagem infantil: uma abordagem da neurociência, economia e psicologia cognitiva**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2011.

AZEVEDO, R. **Meu livro de folclore**. São Paulo: Ática, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Plano de desenvolvimento da Educação (PDE/SAEB)**. Ministério da Educação, 2011.

FERREIRO, Emília. A escrita antes das letras. **A produção de notações na criança: linguagem, número, ritmo e melodias**. São Paulo: Cortez, p. 19-70, 1990.

FREIRE, Paulo. A alfabetização como elemento de formação da cidadania. **Obra de Paulo Freire; Série Eventos**, 1987.

FREIRE, Fernanda Maria Pereira; PRADO, M. E. B. B. Projeto Pedagógico: Pano de fundo para escolha de um software educacional. **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas, SP: UNICAMP-NIED, p. 111-129, 1999.

GOULART, Cecília. **Letra viva: práticas de leitura escrita**. Ministério da Educação, Rio de Janeiro, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo Demográfico 2012. <http://www.ibge.gov.br/home/> Acessado em 07 de outubro de 2014.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso ensinar o Letramento?** Ministério da Educação. 2005.

KLEIMAN, Ângela B. **Oficina de leitura: teoria e prática.** 9ª edição, Campinas, SP, Pontes. 2002

KRAMER, Sonia e JOBIN E SOUZA, Solange. **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação.** São Paulo: Ática, 1996

KRAMER, Sonia. **Ler, escrever e contar: os professores e suas experiências com livros (a escola produz não leitores?)** in Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso. Rio de Janeiro: Escola de Professores, 1995.

MARICATO, Adriana/PERROTTI Edmir. **O prazer da leitura se ensina.** *Revista Criança*. Brasília. s/ v, n. 40, p. 18-26, 2005.

MARTINS, Lígia Márcia. DUARTE, Newton. **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MORAIS, José. **A arte de ler.** São Paulo: UESP, 1996.

SAEB, 2005. Disponível em: <http://dados.gov.br/dataset/microdados-do-sistema-nacional-de-avaliacao-da-educacao-basica-saeb/resource/3b3cc1ec-04a1-4a72-fa8-8b1a1858812c>. Acessado em 06 de outubro de 2014.

SILVA, Edit. **Prêmio professores do Brasil.** *Revista Criança*. Brasília. s/ v, n. 41, p. 18-25, Nov. 2006;

SOARES, Magda. Letramento. *Diário do Grande ABC*, v. 29, p. 3, 2003.

\_\_\_\_\_. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 81, 2002.

UNESCO. **Educação para todos: o compromisso de Dakar.** Brasília: UNESCO, CONSED. Ação Educativa, 2001.

